

A INCLUSÃO NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE METODOLOGIA DA PESQUISA: um relato de experiências em um minicurso na UFRN

Tamar Genz Gaulke

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
tamargenzgaulke@gmail.com

Ítalo Soares da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
italo_so.silva@hotmail.com

Fernanda Gomes de Amorim

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
fernanda.amorim02@gmail.com

Júlio César Ferreira Gomes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
cesarlima09@gmail.com

Yanaêh Vasconcelos Mota

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
yanaehcello@hotmail.com

Júlio César da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
ceudecesar@gmail.com

Carlos Antonio Santos Ribeiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
ribeirocarlos17@gmail.com

Carlos Augusto Jerônimo Alves

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
caugusto.piano@gmail.com

Migdael Fernandes de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
migdael2006@hotmail.com

Gideon Almeida dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
gideonsantoos@gmail.com

Ana Clara da Silva Ponciano

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
claraponciano9@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência vivenciada por ministrantes de um minicurso sobre metodologia da pesquisa em música na Escola de Música da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e por um aluno com Deficiência Visual, matriculado no segundo semestre do Curso de Licenciatura em Música da mesma instituição (à época), no minicurso ofertado. Brevemente, buscamos ressaltar estratégias de adaptações de materiais bem como as práticas inclusivas utilizadas ao longo do minicurso.

Considerando a emergência das questões relativas às práticas de pesquisa na área de Música, o minicurso de Metodologia da Pesquisa em Música realizado entre os dias 6 de novembro e 4 de dezembro de 2018 veio atender à demanda e aos desafios encontrados durante o desenvolvimento de pesquisas e trabalhos científicos advindos da comunidade acadêmica. O minicurso, sob a condução de integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da UFRN (GRUMUS) - certificado pelo CNPq - teve a duração de 4 encontros que ocorriam das 20h30m às 21h50m, incluindo uma atividade final à distância.

Conforme o segundo inciso da Lei 13.146 de 06 de Julho de 2015, que institui o Estatuto da Pessoa com Deficiência, atribui-se ao poder público:

assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar [...] aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras [...] (BRASIL, 2015, Art, 28).

Para os ministrantes, adaptar o material para o ensino e aprendizagem da pesquisa científica, tornou-se um grande desafio, pois a formatação de trabalhos e as normas da ABNT foram elencadas como as principais dificuldades do aluno com Deficiência Visual, motivando a sua inscrição no minicurso. Buscamos abordar esses assuntos ao longo do minicurso, no entanto, o curto prazo tornou a aprendizagem e a prática de pesquisa pouco efetiva.

Ao colhermos depoimento do aluno, posteriormente à participação no minicurso, conseguimos perceber o quanto as normas e o desenvolvimento da pesquisa ainda são desafios interligados a questões visuais. As normas referentes à formatação, a pesquisa em periódicos e anais de eventos, são indicados pelo aluno como algo que deve fazer parte de um maior treinamento e experimentação para que a pessoas com deficiente visual possa, autonomamente, construir um trabalho científico:

Ele [o minicurso] contribuiu sim, pois deu novas possibilidades, por [eu] não saber como pesquisar, então mostrando isso já deu mais uma luz. Embora eu tenha esquecido, porque [...] eu não tive como praticar, entendeu? Porque, pra mim, eu não consigo aprender só com você dizendo *ah, faça isso... Você tem que fazer aquilo*. Eu tenho que, por exemplo, pegar e você dizer, *faça assim* e eu estar com um computador na hora, entendeu? Pra eu fazer e pesquisar também. Porque você deu demonstração, né, lá visualmente, o pessoal viu lá e tal, só que como é uma coisa bem visual, pra mim, ficou já um pouco a desejar (Aluno com Deficiência Visual, abril de 2019).

Uma das estratégias percebidas pelos ministrantes com potencial para atenuar essas dificuldades é uma maior aproximação ao aluno, possibilitando compreender previamente os seus processos de estudo. Como indica Finck (2016, p. 32), “[...] ao se trabalhar com os alunos com deficiências em sala de aula, é importante não seguir apenas o texto dos documentos normativos, mas, fundamentalmente, é preciso conhecer esse aluno”. Reconhecemos, no entanto, que algumas informações sobre o aluno não puderam ser conhecidas a tempo e levadas em consideração durante a adaptação do material, como, por exemplo, a limitação na leitura dos textos e *slides* através do uso do leitor de tela, necessário para o cumprimento de exercícios.

Palavras-chave: Inclusão de pessoas com deficiência visual. Ensino e aprendizagem de metodologia da pesquisa. Estratégias de adaptação de ensino. Educação Musical Inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF, 2015.

FINCK, R. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. **Revista da ABEM**, v. 24, p. 23-35, 2016.